

A relação de bilingüismo entre as línguas galega e castelhana

Valéria Gil Condé (PG-USP)

RESUMO: o objetivo deste estudo é o de analisar a legitimidade da lei que, a partir de 1983, conferiu ao galego, juntamente com o castelhano, a condição de língua oficial da Galiza. Nessa convivência bilingüe, a língua galega vem tentando recuperar sua auto-estima, mas o castelhano ainda continua sendo a língua de promoção social.

ABSTRACT: exploring concepts from sociolinguistic and psycholinguistic this paper studies relations between a galician and a spanish languages.

KEY WORDS: bilinguism, galician, spanish.

0. Introdução:

Por trás da idéia de um país monolíngüe, esconde-se um purismo lingüístico, muitas vezes, associado a polidez e refinamento, e que só encontra eco no aprimoramento das raças. Se uma sociedade, após lutas ou não, aceita seu caráter multiracial, a soberania do monocentrismo lingüístico perde sua voz; e, com o novo modelo social, instaura-se a pluralidade lingüística. Com o término da ditadura do general Franco, após sua morte, em 1975, instaurou-se a democracia no estado espanhol.

1. Monolingüismo espanhol:

*“El dialecto es causa grave que se opone grandemente al aprendizaje del armonioso, rico, inimitable y melodioso idioma de nuestra España”.*ⁱ

O galego, falado na Espanha, de língua de cultura com imenso prestígio social (séculos XIII e XIV), perdeu sua hegemonia para o castelhano. Desde então, de língua escrita, restringiu-se a dialeto com manifestação oral. Os séculos subseqüentes

caracterizaram-se por algumas manifestações culturais isoladas, preciosas, porém, com poucas repercussões. Contudo, delineava-se um novo modelo político, estamos falando do século XX, sete séculos de hiato na cultura da Galiza, mais precisamente em 1978, quando o estado espanhol reestruturou seu território em Comunidades Autônomas.

2. Bilingüismo Social:

*“Galicia do si, do non e do quen sabe,
dúbida inmensa
a falar sempre o que lle mandan
sen deci-lo que pensa.
Cando ,Galicia verdadeira?”ⁱⁱ*

Atualmente, a Comunidade Autônoma da Galiza congrega em seu território duas línguas: o castelhano que, associado à idéia de purismo lingüístico, foi modelo de refinamento e ascensão social, e o galego, língua autóctone, que, falado por uma minoria social, mas que corresponde a 76% de sua população.

Amusategiⁱⁱⁱ, ao divulgar as idéias de Stewart e Fishman sobre variedades lingüísticas, sugere que, para que uma língua garanta sua sobrevivência, há que se obedecer a algumas condições, tais como, autonomia, normatividade, historicidade, vitalidade.

- a) Autonomia: em território galego, o castelhano, devido a seu prestígio econômico e social, reinou soberano e único por mais de sete séculos; restando à língua galega somente o sonho da autonomia. Atualmente, em situação bilingüe, e, em relação ao castelhano, o galego goza de uma autonomia relativa.

(...)“Galicia da door *chora á forza*
Galicia da tristura triste á forza
Galicia do silencio calada á forza
Galicia da fame emigrante á forza
Galicia vendada cega á forza
Galicia tapeada xorda á forza
Galicia atrelada queda á forza(...)”^{iv}

- b) Normalização: Seria oportuno estabelecer a diferença entre dois conceitos: normalização e normatização. Segundo Coseriu normalização é a “*realização normal do sistema*”^v, ou seja, “*a norma que seguimos necessariamente por sermos membros de uma comunidade lingüística.*”^{vi}

Seguindo esse conceito, a comunidade lingüística da Galiza, nesses sete séculos de convivência bilingüe, necessita depurar sua língua de incursões estrangeiras, no caso castelhanas, e que são alheias a seu sistema. Importações castelhanas, no léxico são inúmeras. Poucas são as influências na morfologia e na sintaxe, pois, “*mudar as locuções é tocar nas obras vivas: é atacar um patrimônio que representa séculos de pesquisas e esforços.*”^{vii}

Normatividade: diz respeito à eleição de um modelo, um paradigma aceito e seguido pelos usuários de uma mesma língua. Esse modelo pode ser artificial, criado por lingüístas, filólogos ou ser o resultado de prestígio social e político de uma das variantes lingüísticas. Uma normatização foi proposta recentemente, em 1983, e vem gerando muitas controvérsias; a título de exemplo, o sufixo –ble, codificado pela norma padrão, encontra variantes, tais como –ábel, ável, documentadas em escritores e meios de comunicação(jornais, revistas, etc). Observando-se essas diferenças, pode-se inferir que, a norma proposta aproxima-se do paradigma castelhano.

Os gramáticos do século passado, como, por exemplo, Fénelon, em relação à língua francesa, afirma: *“As pessoas mais polidas costumam a corrigir certos modos de falar que adquiriram durante sua infância na Gascunha, na Normândia ou mesmo Paris, pela influência dos criados... (...) A própria corte não está isenta de falhas. Ela se ressentem um pouco, continua Fenélon, da linguagem de Paris, onde as crianças da mais alta condição são geralmente educadas.”*^{viii}

Pelos critérios de normatização do século passado, e que, ainda hoje, encontra seguidores em alguns territórios políticos, os dialetos não teriam seu modelo paradigmático e alguns, não se encontrariam na condição de língua. Percebe-se que esse critério encontra-se preso a condições sócio-políticas. Aceitar e codificar os dialetos e línguas autóctones, quer dizer respeitar e acolher a cultura de uma comunidade.

c) Historicidade: todo registro escrito em fontes literárias, não se restringe a um trabalho solitário e individual de um autor, na verdade, é o testemunho contemporâneo de inquietações e pensamentos de uma coletividade. Se uma cultura registrou suas situações cotidianas através de um sistema escrito, esta é uma maneira assaz rica de nos aproximarmos da história e cultura de nossos antepassados, e que, de certa maneira, é nossa também. Negar a escrita dos antepassados é negar nossa origem, daí a importância de estarmos em constante comunicação com o passado. Uma língua deve privilegiar seu caráter sincrônico, mas sempre com olhos voltados para a diacronia. Os trovadores galego-portugueses, por exemplo, são a memória do século XIII.

d) Vitalidade: algumas considerações políticas e culturais devem ser levadas em conta para que se compreenda o estágio atual da língua. Historicamente, o povo galego não considerou sua língua como apta a ser veiculada em todos os segmentos da sociedade. Havia uma diferença funcional entre o galego e o castelhano: o galego restringia-se ao domínio familiar, entre os falantes que não freqüentavam a escola. Em situações de comunicação, cujas exigências demandavam formalidade, tais como, administração, escola, igreja, meios de comunicação, liderava o castelhano. Com a promulgação da Lei de Normalização Lingüística, em 1983, iniciou-se um processo de planificação lingüística, mas o que se nota é que sua influência é muito pequena.

Pode-se afirmar, que a escola, como promotora de ascensão social ,como também de conhecimento, é um meio muito importante de veiculação de uma língua; a conclusão a que se chega, é de que a situação ainda é desfavorável para a língua galega:

Lingua que emprega o profesorado na docencia por hábitat de emprazamento do centro:^{ix}

<i>Emprazamento do centro</i>	<i>Só galego</i>	<i>Máis galego que castelán</i>	<i>Máis castelán que galego</i>	<i>Só castelán</i>
<i>Aldea</i>	23,7	32,9	26,3	17,1
<i>Vila</i>	6,7	14,6	51,1	24,7
<i>Cidade</i>	3,3	10,5	56,6	27,6

Fonte: Rubal Rodríguez/Rodríguez Neira (1987,táboa 6/p.62).

Relação conflitante se nos apresenta a rádio e tv galegas: nos anos 90, a profa Camino Noia^x realizou uma pesquisa de campo, e concluiu que a população galego-falante não decodifica a língua padrão galega, pois, seus locutores reproduzem um modelo acastelhanizado, distante do seu idioma oral.

Em geral, a política de equiparação lingüística do galego com o castelhano, esbarra numa condição social vertical: ambientes rurais, língua galega; ambientes urbanos, língua castelhana. Para atestar o exposto acima, realizou-se uma pesquisa, em regiões urbanas, em cidades com mais de 50.000 habitantes:

	<i>A Coruña</i>	<i>Santiago</i>	<i>Ferrol</i>	<i>Lugo</i>	<i>Ourense</i>	<i>Pontevedra</i>	<i>Vigo</i>
<i>Coñecemento:</i>							
<i>Enténdeo</i>	94,0	96,5	95,1	96,5	96,7	93,8	94,6
<i>Fálao</i>	80,7	90,7	80,8	90,5	89,4	84,0	81,8
<i>Leo</i>	53,9	63,1	50,5	60,9	56,3	49,4	49,2
<i>Escrebeo</i>	35,1	44,8	31,1	45,1	40,2	34,4	33,4
<i>Non Consta</i>	6,0	3,5	4,9	3,5	3,3	6,2	5,4

<i>Uso :</i>	<i>A Coruña</i>	<i>Santiago</i>	<i>Ferrol</i>	<i>Lugo</i>	<i>Ourense</i>	<i>Pontevedra</i>	<i>Vigo</i>
<i>Úsao sempre</i>	15,9	38,1	13,3	37,4	35,7	23,4	18,8
<i>Úsao ás veces</i>	59,3	48,8	64,1	49,0	49,6	56,5	58,0
<i>Nunca o usa</i>	14,9	7,1	15,1	8,3	8,4	10,0	13,6
<i>Non consta</i>	9,9	6,0	7,5	5,3	6,3	10,2	9,7

Fonte: IGE: Censos de Poboación e Vivendas 1991. Poboación en vivendas familiares. Coñecemento e uso do idioma galego.

Com base na terminologia sobre a linguagem, criada por Chomsky, “competência”, refere-se ao conhecimento, e “desempenho”, ao uso, pode-se inferir que, o conhecimento(competência) que o falante galego possui de sua língua é satisfatório; o mesmo não se pode dizer, em relação ao uso(desempenho).

Francisco Fernandez Rei, filólogo e realizador do Atlas Lingüístico da Galiza relata o que pensa o galego sobre sua língua: “Para o galego comum persiste a crença que não falam um galego autêntico, porém um galego “chapurrado”(que é um adj. castelhano, significa falar um idioma c/ dificuldades) e que o idioma bem pronunciado se fala em determinado lugar; lugar esse associado a pouco desenvolvimento urbano e bastante rústico”.^{xi}

3. Conclusão:

“Porém, foi outro jornalista, aliás galego e de passagem, como a galegos acontece tantas vezes, quem lançou a pergunta que ainda faltava fazer, Para onde vai esta água.[...] Sendo a voz galega, portanto discreta e medida, abafaram-na o rapto gaulês e o rompante castelhano, mas depois outros vieram repetir o dito arrogando-se vaidades de primeiro descobridor, aos povos pequenos ninguém dá ouvidos, não é mania da perseguição, mas histórica evidência.”^{xii}

Perante o estudo acima, e, apesar do longo período de desgaleguização, o galego ainda não desapareceu. O castelhano continua sendo a língua de promoção social, numa relação bilingüe denominada “diglossia de adscrição”. A política de equiparação do

galego com o castelhano, como prevê a Constituição Espanhola, deve ser muito estimulada por parte do governo galego. Por enquanto, há um bilingüismo desequilibrado para o lado castelhano, consagrando seu prestígio social e antiga condição de língua oficial do estado. Apesar dos avanços políticos e culturais das minorias lingüísticas, ainda é grande o preconceito ideológico.

Um grande passo deve ser dado para assegurar a sobrevivência da língua: disseminá-la em diversos segmentos da sociedade: escola, trabalho, religião, veículos de massa, devolvendo à comunidade auto-estima lingüística, demonstrando que marginalização lingüística é coisa do passado.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo, galego, castelhano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMUSATEGI, K. R. *Sociolingüística*. Madrid, Ed. Sintesis, 1990.

BÉDARD, E & MAURIS, J. *La norme Linguistique*. Col. L'ordre des mots, Le Robert, Paris, 1985.

BRÉAL, M. O que chamamos Pureza da Língua? *In: Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Trad. de Aída Ferrás...et alii. São Paulo, educ,1992.

COSERIU, E. *Teoria da Linguagem e Lingüística geral: cinco estudos*. Trad. de Agostinho Dias Carneiro. R.J.: Presença; S.P.: Edusp.1979.

FERNÁNDEZ REI, M. *Dialectoloxía da língua galega*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, S.A, 1990.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2ª ed., 1986.

HOLTUS, G. MELTZELTIN, M. SCHMITT.(editado por). *Lexikon der Romanistischen Linguistik(LRL)*. Band/volume VI, 2. Gallego/Portugués, 1994.

REAL ACADEMI^{xiii} A ESPAÑOLA. *Diccionario De La Lengua Española*. Madrid,

Ed Espasa Calpe, 21ª ed, 1997.

REAL ACADEMIA GALEGA. *Pequeno Dicionario da lingua galega*. A Coruña, 1993.

REAL ACADEMIA GALEGA. *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*.

Vigo, 15ª ed., Real Academia Galega e Instituto da Lingua Galega.1996.

VIEIRA, Yara Frateschi. *Antologia de Poesia Galega*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1996.

ⁱDiscurso proferido em 1893, na Assembleia y Exposición Escolar de Pontevedra. In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL). Band/Volume VI,2, Gallego/port. Ed. por Günter Holtus et alii, 1994, p.89.*

ⁱⁱ GARCÍA-BORDAÑO, Salvador. *Antologia de poesia galega*. Yara Frateschi Vieira(org. Campinas, ed. da Unicamp, 1996, p.193.

ⁱⁱⁱ AMUSATEGI, K. R. Características de las variedades lingüísticas. In: *Sociolingüística*. Madrid, Ed. Sintesis, 1990, p. 25-30.

^{iv} NOVONEYRA, U. *Antologia de poesia galega*. Yara Frateschi Vieira (org.).Campinas, ed. da Unicamp, 1996, p.155.

^v COSERIU, E. *Teoria da linguagem e Lingüística Geral*. RJ e SP, Col. Linguagem/Presença, 1979, p.67.

^{vi} COSERIU,E. *Teoria da linguagem e Lingüística Geral*. RJ e SP, Col. Linguagem/Presença, 1979, ,p.69.

^{vii} BRÉAL, M. O que chamamos Pureza da Língua? In: *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Trad. Aída Ferrás...et alii. São Paulo, Educ, 1992, p.177.

^{viii} BRÉAL, M. O que chamamos Pureza da Língua? In: *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Trad. Aída Ferrás ...et alii. São Paulo, Educ, 1992, p.179.

^{ix} GONZÁLES, M.G. Sociolingüística. In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*. Band/Volume VI,2, Gallego/port. Ed. por Günter Holtus et alii, 1994, p.61.

^x ANDIÓN, M. L. Do Xornalismo en Língua Galega. In: *Nós: A Literatura Galega*. Lisboa, Ed. Fund. Calouste Gulbenkian, 1995, p.221.

^{xi} REI, F. F. *Dialectoloxía da Língua Galega*. Vigo, Ed Xerais da Galicia, 2 ed., 1991, p.35.

^{xii} SARAMAGO, J. *Jangada de Pedra*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988, p.23.